



NOTICIAS INTERNACIONALES AL 24/07/2015

BRASIL	2
Oferta limitada y precios en baja	2
Siete plantas frigoríficas cerraron en Mato Grosso en la primera mitad de 2015	2
Oferta escasa de hacienda sería el principal factor.....	3
Demanda de CHINA y RUSIA ayudaría a reabrir frigoríficos brasileños	3
Paraná formalizó reapertura del estado para IRAN	4
Brasil exportó 80 por ciento de su cuota Hilton. Es el mejor resultado desde que duplicó contingente.....	4
Brasil plantea su estrategia para ser libre con vacunación hacia fin de este año. Avances en los estados que no están calificados: Roraima, Amazonas y Amapá	4
Auditoría evaluará condiciones de PARANA para obtener el status de libre de aftosa SIN vacunación ...	5
Dilma visitará Japón en Diciembre próximo. Agenda incluye apertura de carnes bovinas frescas	6
Pérdida anual por garrapata suma US\$ 3400 millones.....	6
Recomendaciones para el transporte correcto de abovinos	7
URUGUAY	7
Precio del gordo tuvo fuerte suba.....	7
Los productores que retuvieron ganados aprovecharon la suba Precio promedio del novillo gordo aumentó 17% en las últimas 14 semanas.....	8
Desde la industria advierten que negocio no es rentable con actuales precios del novillo gordo	8
Nueva suba de la carne, que acumula alza de 10% en dos semanas	9
Comenzó la auditoría de Egipto	10
Coyuntura desafía ganadería de cría Será un invierno “caro”; tecnología puede resolver el volver a preñar vacas	10
PARAGUAY	11
FARM: Unánime postura en Mercosur para no levantar vacunación	11
Nuevo desafío: la auditoría de la UE en noviembre próximo	11
Auditoría de PANAMÁ verificó sistema sanitario y doce plantas frigoríficas	12
Analizan estrategia para aumentar exportaciones de carnes hacia PERU	12
UNIÓN EUROPEA	13
Rescate griego costará a sus productores agrícolas €2000 millones.....	13
Francia establece un paquete de ayuda por € 600 millones para sus productores agropecuarios.....	13
Cuota Hilton 2014-15 aumentó su utilización: 67.8% del total	14
ESTADOS UNIDOS	15
Estudio sostiene que los consumidores americanos prefieren carnes rotuladas como procedentes de EE.UU.	15
Lluvias y pasturas favorecen la recuperación del rodeo bovino.....	15
Proyectan una caída en la producción de carnes en 2015. Impactará sobre el consumo y exportaciones	16
Oferta elevada de proteínas alternativas afectará los precios de las carnes vacunas	16
AUSTRALIA	17
Australia suscribe un acuerdo con CHINA para comenzar a exportar vacunos en pie	17
Mayores envíos de bovinos vivos hacia Indonesia y Vietnam	17
VARIOS	17
Ingresa Bolivia a un Mercosur que acordó negociar en bloque con la UE	17
EMPRESARIAS	18
Marfrig confirmó el cierre de una unidad en el estado de Rondonia.....	18
Reportaje de Folha de São Paulo a Wesley Batista: “Lo más preocupantes es la competitividad “	18
Paraguay Lanzaron Carne de marca Nelore.....	20



BRASIL

Oferta limitada y precios en baja

23/07/15 - por Equipe BeefPoint A oferta de gado para abate ainda é limitada, mas os preços continuam caindo no campo. Um dos motivos é que os frigoríficos mantêm restrição nas compras.

Afinal, o cenário para a carne bovina não é tão promissor como há alguns meses. Tanto a demanda interna como a externa já não responde com a mesma firmeza que o setor deseja. Acompanhamento da Informa Economics FNP indicou uma queda da arroba de boi gordo para R\$ 144 no noroeste de São Paulo nesta terça-feira (21).

Ao recuar para esse valor, o preço do gado pronto para o abate retorna ao mesmo patamar comercializado no final do ano passado, mas ainda mantêm alta de 20% em relação a julho de 2014.

Os preços caem também em algumas regiões de Mato Grosso, principal produtor nacional de gado. A arroba esteve em R\$ 136 em Dourados e em R\$ 128 na região de Tangará da Serra. Já na região de Colíder se manteve em R\$ 126, segundo dados da Informa.

Os dados de exportação de carne bovina “in natura” até a terceira semana deste mês, divulgados nesta segunda-feira (21) pela Secex (Secretaria de Comércio Exterior), apontaram retração de 7% no volume embarcado, em relação a junho.

Em comparação a julho do ano passado, a queda é de 22%, quando comparada a média de embarques por dia útil.

Cepea: Baixa oferta dificulta preenchimento de escala de abate

24/07/15 - por Equipe BeefPoint O ritmo de negócios segue bastante fraco em julho no mercado pecuário. Segundo pesquisadores do Centro de Estudos Avançados em Economia Aplicada (Cepea) da Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz (ESALQ/USP), a oferta de animais continua limitada, dificultando o preenchimento das escalas de abate. Com isso, a maior parte dos negócios relatados corresponde a lotes menores, que geralmente envolvem os preços mínimos dos intervalos vigentes.

Entre 15 e 22 de julho, o Indicador ESALQ/BM&FBovespa do boi gordo teve ligeira alta de 0,81%, fechando a R\$ 142,01 nessa quarta-feira, 22.

Siete plantas frigoríficas cerraron en Mato Grosso en la primera mitad de 2015

21/07/15 - por Equipe BeefPoint Unidades paradas: Durante o primeiro semestre de 2015, ocorreu o fechamento de sete unidades frigoríficas em cinco macrorregiões do Estado. No total, foram nove plantas desativadas nos últimos 18 meses. Neste mês, apenas 64,3% de toda a capacidade frigorífica instalada está em operação e a média de utilização dessas unidades no último mês foi de 51,9%. Isso ocorreu devido à redução do volume de abate, já que o total do primeiro semestre deste ano foi 16,15% menor que o do mesmo período de 2014. Esta redução foi resultante da baixa disponibilidade de animais prontos para o abate, tanto é que o estoque de machos acima de 24 meses foi o menor dos últimos cinco anos. Além disso, o preço no varejo vem se mantendo firme pela dificuldade do consumidor de “digerir” maiores preços. Neste contexto, há um movimento de pressão nos preços da arroba por parte da indústria, porém a escassez de animais terminados pode equilibrar a balança.

– Semana de queda nos preços da arroba do boi gordo e da vaca gorda, baixas de 1,06% e 0,87% respectivamente.

– Influenciados pela queda no mercado físico, os contratos futuros da arroba do boi gordo com vencimento em outubro continuam em baixa, desvalorização de 0,89%, e fecharam em R\$ 143,01/@.

– Dentre outros motivos, o fechamento de indústrias frigoríficas no Estado alargou a escala média de abate em 0,93/dia.

– O bezerro do ano teve mais uma semana de desvalorização e fechou a semana custando em média R\$ 1.310,81/cabeça.

ACIMA DA MÉDIA: O peso de abate do gado bovino mato-grossense está acima da média nacional. Ao dividir a quantidade de carne bovina produzida no Estado pelo número de cabeças abatidas, observa-se um aumento de 8,6% no peso da carcaça por animal nos últimos 10 anos. Em números, a média de peso por cabeça em 2014 foi de 16,5@/cabeça no Estado, e a média nacional foi de 15,87@/cabeça. Junto a esse aumento de peso por cabeça, o abate de animais com idade até 36 meses vem representando uma parcela cada vez maior do total abatido. No último ano essa faixa etária representou 59,4% de todos os animais abatidos no Estado, há dez anos representava 48,7%. O crescimento no abate dessa categoria, junto a um animal mais pesado, demonstra, em geral, um aumento na eficiência e produtividade do setor no Estado. Isso resulta em uma maior rentabilidade da atividade, uma vez que o produtor tem uma maior taxa de desfrute de seu rebanho.



Oferta escassa de hacienda sería el principal factor

Fonte: Campo Grande News, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 20/07/15 Além dos 16 que já fecharam as portas, há grandes chances de mais frigoríficos encerrarem suas atividades em MS. O número de abates também apresenta uma grande queda. Só no primeiro semestre de 2015, a redução chega a 13,5% em relação ao ano passado.

De janeiro a junho do ano passado foram abatidas 1,9 milhão de cabeças de gado, enquanto este ano o volume caiu para 1,6 milhão, segundo dados da Famasul (Federação de Agricultura e Pecuária de Mato Grosso do Sul). Com isso, a arroba do boi gordo, que em 2011 não passou de R\$ 89, agora alcança os R\$ 136. A tendência é o preço subir ainda mais, na previsão do consultor de agronegócio da Rural Business, Júlio Brissac.

Segundo ele, o fechamento das plantas é mais do que esperado, visto que há 5 anos muitos pecuaristas deixaram a criação de gado de corte para se dedicar às lavouras ou simplesmente encerraram as atividades. A migração ocorreu porque a margem de lucro da agricultura foi se mostrando cada vez melhor do que da pecuária. “A pecuária de corte dava prejuízo para muita gente, que saiu literalmente, do mercado. Alguns arrendaram para cana-de-açúcar e a cana não pagou e agora não tem o que fazer sem capital. Aí começou todo o desequilíbrio e a pecuária entrou num ciclo louco, porque agora se tem também muitas fazendas degradadas”, detalha o especialista.

O preço do boi gordo só subiu a partir do ano passado, impulsionado pela falta de cabeças de gado frente à capacidade da indústria, explica o consultor. Para o produtor, os preços altos são bons.

Para 2016, não se pode esperar estabilidade, segundo o consultor. “Os frigoríficos estão tentando convencer os produtores a fazer confinamento e produzir mais, mas cadê dinheiro para isso? O problema é mundial, Austrália e Estados Unidos também passam por isso. Argentina era a terceira maior exportadora de carne do mundo e hoje não está entre os 10 maiores”.

A Famasul, que acompanha de perto a situação dos pecuaristas no Estado, confirma que a falta de gado foi motivada pelo desinteresse de produtores no gado de corte, mas tem previsão mais otimista. O número de produtores na pecuária estabilizou, segundo o diretor secretário da entidade, Ruy Fachini. “A previsão era de regularizar essa situação em 2016. Hoje, a pecuária está passando por um processo melhor, a arroba está com valor melhor. A relação de troca está melhor, em menos de dois bezerros por boi. A previsão é que comece a regularizar este cenário em 2017. Já está tendo retenção maior de matrizes”, prevê Ruy.

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.21/07/15 - por Equipe BeefPoint

A falta de bovinos prontos para o abate é o grande problema do setor frigorífico atualmente em Mato Grosso do Sul e um dos principais fatores que levaram ao fechamento de 16 plantas em todo o estado nos últimos dois anos, de acordo com o secretário de Meio Ambiente e Desenvolvimento Econômico do estado, Jaime Verruck.

Verruck lembrou que em 2008 houve um grande abate nas matrizes do estado, o que fez com que os produtores tivessem dificuldades para recompor o rebanho e trouxe como reflexo a falta de animais em condições de serem abatidos para abastecer a indústria frigorífica local. “Todas as plantas do estado estão trabalhando como ociosidade. Em 2014, foram 300 mil animais a menos em condições de serem abatidos no estado e este ano o número deve cair ainda mais”.

O secretário apontou ainda que o fechamento de unidades frigoríficas nos últimos anos não tem, em sua avaliação, correlação com a queda de demanda e citou como exemplos a abertura de novos mercados externos para a carne brasileira e sul-mato-grossense, como os Estados Unidos e a China e a ampliação dos já existentes, como o da Rússia, por exemplo.

O secretário disse que neste cenário, em que ocorre falta de animais prontos para o abate e que o preço da arroba se valoriza cada vez mais, os criadores têm retido as matrizes, em razão do valor dessas fêmeas e para fazer a recomposição dos rebanhos e que a tendência no segundo semestre deste ano é a situação do setor não melhorar.

“Estamos com uma capacidade instalada de abates muito superior à capacidade de fornecimento de animais para estes abates. Então vai haver a médio e longo prazo um ajuste. O estado não deve retomar os volumes de abates nos patamares anteriores. A tendência hoje é de uma realocação desses abates, da concentração em algumas unidades. Estamos conversando com algumas empresas e quando a quantidade de animais à disposição aumentar a tendência é que algumas delas até mesmo retomem as atividades, mas não todas”, ressaltou.

Demanda de CHINA y RUSIA ayudaría a reabrir frigoríficos brasileños

20/07/15 - por Equipe BeefPoint A demanda da China e da Rússia pela carne bovina brasileira pode levar frigoríficos a reabrir fábricas no médio e longo prazos, prevê Vasco Picchi, doutor em medicina veterinária pela USP e consultor com mais de três décadas de experiência no segmento industrial. “Mas o momento



atual ainda não indica isso. O que vemos são frigoríficos fechando, desemprego em massa e problemas de mercado para o pecuarista”.

Autor do livro “História, ciência e tecnologia da carne bovina”, lançado na semana passada, Picchi diz que a recuperação do setor pode ser rápida, caso ocorra “a demanda que se espera da China e da Rússia”. “E aí acho que não será difícil esses estabelecimentos fechados serem postos em marcha novamente”, diz.

Dos mercados para os produtos brasileiros, Picchi considera que a China seja um dos que tenham maior potencial de expansão. Além disso, o especialista afirma que o crescimento econômico do país asiático resulta em aumento na renda de seus habitantes. Com isso, ocorre uma mudança nos hábitos de consumo que pode ser explorada pelo Brasil. “Há um movimento progressivo em andamento. Há alguns anos, a China comprava praticamente só subprodutos do boi, como os tendões. Dentre os cortes, o principal era o patinho, mais barato. Hoje, eles partiram para o contrafilé e cortes mais nobres. É uma mudança lenta, mas que deve continuar nos próximos anos”.

“A grande vantagem da Rússia é que eles consomem justamente parte da carne que chamamos ‘de primeira’, mas também a carne ‘de segunda’”, avalia o consultor, o que facilita a logística dos frigoríficos, que destinam, de maneira geral, carnes de primeira e de segunda para diferentes mercados.

Picchi afirma que o fechamento de unidades de pequeno e médio portes no País é resultado de uma concentração no setor frigorífico. O consultor também critica o papel do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social (BNDES) na criação das “campeãs nacionais”. “Houve uma criação de quase monopólios. Isso reduziu a competição entre abatedouros e encurralou pecuaristas, que ficaram sem muita margem para negociar os preços do boi”.

Fonte: Agência Estado, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Paraná formalizou reapertura del estado para IRAN

Fonte: <http://www.bemparana.com.br>, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint 21/07/15 O Paraná conseguiu na última sexta-feira (17) a liberação do Ministério da Agricultura para voltar a exportar carne bovina para o Irã. Desde 2012, quando houve a confirmação de um caso de Encefalopatia Espongiforme Bovina (EEB), o Paraná não exportava mais carne ao país.

No início de 2014, o Irã já havia cancelado o embargo que proibia a importação da carne paranaense, porém o Ministério da Agricultura do Brasil ainda não tinha disponibilizado a autorização iraniana em seu Sistema de Informações Gerenciais (SIGSIF), o que impedia o Paraná de voltar a exportar a mercadoria ao país.

Brasil exportó 80 por cento de su cuota Hilton. Es el mejor resultado desde que duplicó contingente

Fonte: Portal DBO 22 de julho de 2015 O volume é equivalente a 79,9% do total permitido para o mercado brasileiro e quase o dobro do resultado alcançado no ano passado

O Brasil exportou quase 8 mil toneladas de carne bovina in natura para a União Europeia pela Cota Hilton entre 1º de julho de 2014 e 30 de junho de 2015. O volume é equivalente a 79,9% do total permitido para o mercado brasileiro (10 mil ton) e representa praticamente o dobro do resultado alcançado no ano passado, quando os frigoríficos brasileiros embarcaram 4.078 toneladas de carne in natura (40,7%).

Segundo Fernando Sampaio, diretor executivo da Associação Brasileira das Indústrias Exportadoras de Carne Bovina (Abiec), a ampliação do volume deve-se à consolidação de programas de parcerias que estimulam a identificação de bezerras desmamadas. “A brincagem de animais desde os 10 meses de vida é uma das exigências das autoridades europeias para o cumprimento da cota. Agora a cadeia se organizou para atender a esta premissa e o número de animais aptos para atender este mercado de qualidade está se ampliando”, afirma.

Este é o melhor resultado alcançado pelo mercado nacional desde 2010, quando o Brasil conseguiu dobrar o acesso a cota (de 5.000 para 10.000 t), como compensação pela perda de exportações para a Romênia e Bulgária após a entrada desses países na União Europeia. “Acreditamos que no próximo ano - Hilton o Brasil cumpra a meta integral”, avalia Sampaio.

Ao exportar dentro da Cota Hilton, a indústria paga tarifa de importação de 20% ad valorem (sobre o valor da mercadoria), e fica isenta da tributação de 12,8% mais 3.041 euros por tonelada da carne extra-cota. A cota anual, de 65.250 toneladas, é fixa, e a ela somente têm acesso os países credenciados: além do Brasil, estão na lista a Argentina, Uruguai, Paraguai Austrália, Nova Zelândia, Canadá e Estados Unidos.

Brasil plantea su estrategia para ser libre con vacunación hacia fin de este año. Avances en los estados que no están calificados: Roraima, Amazonas y Amapá

Afirmación é do diretor do Departamento de Saúde Animal do Mapa, Guilherme Marques Fonte: Portal DBO 22 de julho de 2015 - O Brasil deve ser livre de aftosa com vacinação até dezembro deste ano. A expectativa foi reafirmada pelo diretor do Departamento de Saúde Animal do Ministério da Agricultura,



Guilherme Marques, durante o XI Congresso Brasileiro e XXVII Congresso Latino Americano de Buiatria, que teve início nesta terça-feira, 22, em São Paulo.

“Esse ano pretendemos ter o Brasil livre de aftosa com vacinação”, afirmou. Roraima, Amazonas e Amapá ainda não possuem o status de livre de aftosa com vacinação.

O Amapá precisa avançar para médio risco. “Se considerarmos apenas as questões epidemiológicas é uma das áreas mais favoráveis, mas as questões estruturais são fundamentais para assegurar o status a ser atingido”, diz Plínio Lopes, coordenador do Programa Nacional de Erradicação da Febre Aftosa (PNEFA).

Nos outros dois estados é preciso avançar para zona livre de aftosa com vacinação. Os demais estados brasileiros são considerados livre de aftosa com vacinação, exceto Santa Catarina, que obteve em 2007 o status de livre da doença sem vacinação. Isso equivale a 77,2% da área e 99% do rebanho. O último caso da doença foi registrado no País em 2006, nos estados de Mato Grosso do Sul e Paraná.

Imunização – O Mapa avaliará neste segundo semestre realizar alterações no calendário de vacinação no Nordeste e no Pará, que em 2014 avançaram para o status de livre de aftosa com vacinação. A ideia é vacinar todos os animais uma vez por ano e repetir a vacinação nos animais de até 24 meses na outra etapa da campanha. “Isso representa uma redução de custos para o produtor em uma região que reúne 22 milhões de cabeças”, esclarece Lopes. “Se considerarmos que 50% deste rebanho têm mais de 24 meses, são 11 milhões de animais que deixam de ser vacinados duas vezes ao ano. Considerando a vacina a R\$ 2, seria uma economia de R\$ 22 milhões”, calcula.

Fonte: G1, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint. 22/07/15 - por Equipe BeefPoint A Agência de Defesa Agropecuária de Roraima (Aderr) tem intensificado desde o início deste ano as fiscalizações móveis para que o estado passe do status de médio risco de aftosa para livre de aftosa com vacinação. Nas ações, que ocorrem em rodovias e vicinais, os agentes abordam veículos que transportam animais para verificar se possuem a Guia de Transporte Animal (GTA). Desde janeiro, segundo a agência, já foram emitidos mais de dez autos de infração e seis advertências.

A veterinária Ingrid Melo, chefe do Núcleo de Fiscalização de Trânsito e Aglomeração (NFTA), destacou que as fiscalizações móveis são algumas das ações realizadas pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) para mudança de status em relação à febre aftosa.

“Para mudar o quadro da aftosa no estado, a Aderr convocou novos servidores no início do ano. Nosso núcleo era composto somente por duas pessoas, o que impossibilitava um trabalho mais árduo. Hoje temos quatro veterinários e três técnicos em agropecuária”.

Segundo ela, as fiscalizações móveis são programadas com base na quantidade de GTAs emitidas em cada município. “Nós fazemos um levantamento de dados para saber quais localidades estão com a emissão em baixa. Quando detectamos uma redução, enviamos uma equipe”, explicou.

As fiscalizações ocorrem para evitar a proliferação de doenças entre os animais e risco à saúde pública. “Não fiscalizamos apenas os animais vivos, também verificamos carne, ovos e frango. Casos de pessoas que compram carne da Venezuela abatida de forma clandestina e trazem para restaurantes da capital ocorrem muito em Roraima”, assegura Ingrid.

Auditoría evaluará condiciones de PARANA para obtener el status de libre de aftosa SIN vacunación

Fonte: Portal DBO23 de julho de 2015 - 15:08

Paraná deve comprovar que atende exigências do Mapa para deixar de vacinar o rebanho contra aftosa Auditoria do Ministério da Agricultura (Mapa) será realizada no Paraná para verificar se o Estado tem condições de retirar a vacinação contra febre aftosa no começo de agosto.

A análise também terá como foco avaliar o pedido do Estado para obter o reconhecimento internacional de Livre de Peste Suína Clássica.

O diretor do Departamento de Defesa Sanitária do Ministério da Agricultura (DSA/Mapa), Guilherme Marques, explica que o Paraná deve cumprir medidas compensatórias para que o Mapa autorize o avanço no status em relação à doença. O status atual do Estado é de livre de aftosa com vacinação.

Uma dessas exigências é a contratação de servidores para a Agência de Defesa Agropecuária do Paraná (Adapar), etapa que já foi atendida com a contratação de 169 servidores, que estão em treinamento. Outra demanda é a instalação de barreiras sanitárias, que já estão sendo construídas.

“Isso tudo está em andamento. Mas, se a avaliação fosse feita hoje, o Paraná não estaria enquadrado nestes requisitos. Mas, uma vez que sejam feitos ajustes e que outras inconformidades apontadas em auditorias anteriores tenham sido resolvidas, aí nós conseguimos vislumbrar a possibilidade de o Estado caminhar para um status de área livre sem vacinação”, afirma Marques, que foi um dos palestrantes do XI Congresso Brasileiro e XXVII Congresso Latino Americano de Buiatria, que teve início nesta quarta-feira, 22, em São Paulo.



A expectativa do Estado é que maio tenha sido a última campanha de vacinação contra a doença realizada no Paraná. Contudo, o Estado precisa provar que atendeu aos pré-requisitos e oficializar a intenção de interromper a vacinação até o final deste mês. “Se isso não ocorrer, não há problema que o Estado continue a vacinar em novembro e projete essa retirada nas campanhas do próximo ano.”

Fronteiras – Conforme Marques, já não é possível justificar a manutenção da vacinação no Brasil com base no risco de a doença entrar no Brasil a partir de um país vizinho. “É tampouco posso concordar que este risco estaria no Brasil. Nós sangramos dezenas de milhares de animais por ano e não há evidência de circulação viral. Então, qual é o medo?”

Para ele, deixar de vacinar rebanhos contra aftosa não só é uma tendência para outros Estados como também para a América do Sul. “Nós vamos ter em Mato Grosso uma reunião extraordinária da Comissão Sul-Americana para a Luta contra a Febre Aftosa (Cosalfa) para discutir os pré-requisitos para a retirada da vacina, tendo em vista que o Programa Hemisférico de Erradicação da Febre Aftosa (PHEFA) prevê a retirada da vacinação em 2020.”

Ele considera que a retirada da vacinação contra aftosa no Brasil é inevitável. “Não posso mais onerar o produtor rural adquirindo um imunógeno de uma doença cuja circulação viral não existe mais. Tenho que onerar o Estado para que ele fortaleça suas barreiras e aumente a vigilância e, com isso, abra mercados. E não onerar o setor de suínos, que fica impedido de exportar para os grandes compradores do mundo pela falta de uma área livre de vacinação.”

Dilma visitará Japón en Diciembre próximo. Agenda incluye apertura de carnes bovinas frescas

Fonte: Folha de São Paulo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.22/07/15 - por Equipe BeefPoint
A presidente Dilma Rousseff deverá tratar do embargo japonês à carne bovina durante visita que fará ao país no início de dezembro. “Esse é um tema que está sobre a mesa”, afirmou nesta terça-feira (21) o embaixador José Alfredo Graça Lima, subsecretário do Itamaraty para a Ásia.

“A ideia é ampliar o comércio, sobretudo das exportações brasileiras, muito concentrado hoje em produtos básicos. Estamos sempre na expectativa de que o Japão possa suspender restrições sanitárias”, completou o diplomata. No roteiro da viagem, está prevista ainda visita ao Vietnã, onde serão assinadas parcerias em áreas de agricultura, educação e cooperação técnica.

A partir de hoje, o ministro Mauro Vieira (Relações Exteriores) inicia um giro pela Ásia, com ênfase na pauta econômica –ao assumir o cargo, no início do ano, ele cobrou uma “diplomacia de resultados” dos servidores da pasta.

A visita ao Japão terá ainda caráter simbólico: em 2015, se comemoram os 120 anos de relações diplomáticas entre os países. Em novembro, antes da visita de Dilma ao país, está prevista a vinda do príncipe Akishino, segundo na linha de sucessão.

“Em se tratando de Ásia, a parceria com o Brasil é especialmente [nos setores] econômico e comercial, como é o caso da nossa participação nos Brics. São todos instrumentos de diplomacia, de política externa, que você utiliza para que o comércio e os investimentos contribuam de maneira mais decisiva para seu próprio desenvolvimento”, resumiu o embaixador Graça Lima.

Pérdida anual por garrapata suma US\$ 3400 millones

Fonte: Sociedade Nacional de Agricultura (SNA), resumida e adaptada pela Equipe Beef 23/07/15Point. Estimativas recentes calculam que os prejuízos causados carrapatos em bovinos podem chegar a US\$ 3,4 bilhões ao ano, somente no Brasil.

Pesquisadora do Instituto de Zootecnia (IZ), Cecília José Veríssimo afirma que o controle do carrapato está cada vez mais complicado, em função de sua resistência aos produtos comerciais existentes hoje no mercado. Segundo ela, o tratamento químico ainda é o método mais usado, no entanto a homeopatia vem sendo alternativa a mais no campo.

“Uma novidade no controle do carrapato é a vacina, que não causa impacto sobre o ambiente nem deixa resíduos na carne ou no leite”, informa Cecília.

Segundo ela, vacinas para coibir o problema, desenvolvidas em Cuba e na Austrália, já foram comercializadas no Brasil, mas não tiveram muita aceitação por parte dos produtores brasileiros, em razão da pouca eficácia e do alto custo.

No Instituto de Zootecnia, uma vacina contra o carrapato, fabricada por uma equipe de pesquisadores liderados pela professora Isabel, da FMRP, foi testada em bovinos e teve eficácia em torno de 70%, de acordo com Cecília.

“Novas formulações estão sendo estudadas por pesquisadores brasileiros e estrangeiros. Há muita esperança que, em um futuro próximo, tenhamos uma vacina eficaz contra este parasito”, prevê.

“Para o controle sustentável das infestações de carrapatos, com uma vacina que seja eficiente, o produto deverá limitar a ingestão de sangue e diminuir o número de parasitos nos hospedeiros, contribuindo para o bem-estar animal e aumentando sua produtividade”, ressalta Isabel.



“A vacina também deverá reduzir as massas de ovos produzidas pelas fêmeas e suas taxas de eclosão, diminuindo, assim, a eficiência reprodutiva de carrapatos, efeito que restringe a infestação nas pastagens.”

Recomendaciones para el transporte correcto de abovinos

Fonte: Mapa, adaptado pela Equipe BeefPoint. 24/07/15 - por Equipe BeefPoint

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), por meio do Manual de Boas Práticas de Manejo – Transporte, disponibilizou recomendações referentes ao transporte de bovinos.

Segundo o documento, durante o transporte, a intensidade de estresse é variável, dependendo da forma com que os animais são manejados, das condições em que são transportados, da duração da viagem, das condições das estradas e do clima, entre outros fatores.

Os principais problemas durante os manejos de embarque e transporte são: agressões diretas, formação de novos grupos, instalações e transporte inadequados. Quando as condições de transporte não são boas, com estradas ruins, viagens longas, caminhões e compartimentos de carga em mau estado de conservação e direção sem cuidado, o estresse é mais intenso e os riscos de ferimentos e de mortes de animais aumentam.

Por isso, todos os envolvidos com o transporte – equipes das fazendas, responsáveis pela compra do gado, transportadoras, motoristas boiadeiros e responsáveis pela recepção dos bovinos nos abatedouros – devem conhecer o comportamento e as necessidades dos bovinos, para que possam realizar as atividades com o cuidado necessário, reduzindo os riscos de estresse, de ferimentos e de morte de animais durante as viagens.

O planejamento e a organização do transporte são responsabilidades das fazendas, transportadoras, motoristas e abatedouros. O manual recomenda que se defina previamente quais animais serão transportados –categorias e números, o tipo de veículo a ser utilizado, o número de veículos necessários, as rotas, datas e horários previstos para o embarque e o desembarque e quem serão os motoristas responsáveis pelo transporte.

As fazendas precisam preparar os lotes de embarque com antecedência e de forma correta, além de providenciar os documentos necessários para a viagem. As transportadoras e os motoristas devem manter os veículos em boas condições e ter conhecimentos sobre a situação das estradas. Os motoristas têm de ser treinados em boas práticas de manejo no transporte e estarem atentos a todas as informações sobre a viagem. Os abatedouros devem estar preparados para realizar o desembarque dos animais com agilidade e eficiência.

Há uma série de documentos que são necessários para o transporte de bovinos. Alguns deles são de responsabilidade da fazenda e devem ser conferidos pelo encarregado do embarque. Outros são de responsabilidade das transportadoras e dos motoristas boiadeiros. É obrigação do motorista boiadeiro verificar se os documentos do veículo e carteira de habilitação estão em ordem e dentro dos prazos de validade.

Além dos documentos básicos, do motorista e do veículo, para o transporte de bovinos são também necessários os documentos dos animais, como as Guias de Trânsito de Animal (GTAs), as notas fiscais do produtor, com informações sobre a origem e o destino dos animais, e, em alguns casos, os documentos de identificação animal.

Segundo o manual, é importante definir pontos estratégicos para paradas de emergência. Por isso, o motorista deve dispor de informações sobre fazendas ou outros locais de parada que ofereçam condições para o desenvolvimento de ações efetivas a fim de solucionar os problemas.

Em caso de acidentes, se todos os cuidados necessários foram tomados adequadamente, a gravidade acabará sendo minimizada. Procedimentos de rotina devem ser tomados, como discar para o 191 ou o número de emergência das rodovias privatizadas e, se necessário, solicitar socorro médico. Caso os animais fiquem soltos na estrada, é preciso providenciar a sinalização para evitar atropelamentos e buscar auxílio para conduzi-los a local seguro.

A adoção das boas práticas de manejo durante o transporte de bovinos visa a proporcionar maior segurança e conforto para os motoristas e reduzir as situações de risco que prejudicam o bem-estar dos animais e causam perdas quantitativas e qualitativas da carne.

URUGUAY

Precio del gordo tuvo fuerte suba

Por Blasina y Asociados, especial para El Observador Julio 24, 2015 La faena semanal de vacunos se mantuvo en el eje de la 40 mil reses, pero el destaque se lo llevó la alta faena de ganado lechero

Fuerte suba en el precio del ganado gordo en un mercado caracterizado por la baja oferta, alta demanda y muy buena colocación. El novillo cotiza entre US\$ 3,50 y US\$ 3,65 por kilo pero se pueden lograr



negocios de US\$ 3,70 para ganados especiales. La vaca opera con precios entre US\$ 3,20 y US\$ 3,30. El mercado de los lanares sigue firme aunque con oferta prácticamente nula la operativa es escasa.

La Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) subió 13 centavos o su referencia para el novillo gordo a US\$ 3,57 el kilo a la carne y 17 centavos a la vaca hasta US\$ 3,22 el kilo. En ovinos la referencia para el cordero sumó dos centavos hasta US\$ 3,67 mientras el cordero pesado fue cotizado en US\$ 3,70, cuatro centavos arriba respecto a la semana previa. La referencia para los borregos subió ocho centavos a US\$ 3,66. Los capones y las ovejas vieron alzas de dos centavos en los valores a US\$ 3,27 y US\$ 2,99 respectivamente.

En cuanto a la reposición, hay mayor dinamismo con demanda más firme por negocios cortos y con mejoras para el ternero como ya se vio en las últimas pantallas. En el remate de Lote 21 del miércoles pasado los terneros generales promediaron en US\$ 2,10, cuatro centavos más que en el remate previo y 12 más comparado al mismo momento de la semana pasada. La demanda desde la exportación en pie continua activa con negocios cerrados para los próximos meses, especialmente a Turquía. Igual sigue muy marcada las diferencias entre las zonas que han recibido lluvias y las que continúan casi sin base forrajera.

En la reunión de ACG se comentó sobre la continua oferta de ganado lechero para la faena. Si bien no llega a una cantidad relevante como para moderar el alza de precios, se destacó que en algunos tambos se está mandando a frigorífico no solamente las vacas de descarte sino también las de ordeño.

La faena vacuna totalizó en 39.500 animales en la semana que culminó el 18 de julio (cabe recordar que la semana contó con cinco días de operativa, no hubo media jornada el sábado por feriado). Se dio así una caída de 9% con respecto a la semana anterior y un incremento de 30% frente al mismo período de 2014. Se faenaron 20.678 novillos -representaron el 52% del total- y 17.936 vacas que explicaron el 45% del total.

En cuanto a los precios de INAC, en la semana cerrada al 18 de julio el índice para el kilo de novillo subió de US\$ 3,448 a US\$ 3,557, con lo que se ubicó 0,5% arriba en la comparación interanual. El kilo de vaca INAC pasó de US\$ 3,026/kg a US\$ 3,053, pero se mantuvo 1,4% debajo de la referencia alcanzada en la misma semana de 2014. El índice INAC para el kilo de cordero bajó desde US\$ 3,716 por kilo a US\$ 3,635 y la variación interanual fue -8,8%.

El precio promedio de exportación de la carne vacuna y ovina se movió al alza. La tonelada de carne vacuna exportada pasó de US\$ 3.723 a US\$ 3.748 y el promedio de las últimas cuatro semanas móviles subió a US\$ 3.762/ton. Sin embargo, desde fines de marzo no logra superar a la referencia alcanzada un año atrás. En este caso se ubicó 4,5% abajo en la comparación interanual.

En carne ovina el ingreso promedio de la semana tuvo un incremento de prácticamente US\$ 1.000/kg. De US\$ 4.245 pasó a US\$ 5.252, y el promedio de cuatro semanas subió levemente a US\$ 4.626. Comparado al año pasado, el promedio fue 5% superior.

Dados dichos valores promedio de exportación y los precios internos de los ovinos, el diferencial entre precio de exportación de carne ovina y precio del cordero INAC se mantiene en altos niveles que no se ven desde hace cuatro años. En la semana pasada la diferencia llegó a 25% y la anterior tocó el 27%.

Los productores que retuvieron ganados aprovecharon la suba Precio promedio del novillo gordo aumentó 17% en las últimas 14 semanas

Julio 22, 2015 Los invernadores que pudieron retener ganados gordos a la espera de mayores precios hicieron muy buenos negocios, pero esa no fue una situación generalizada. Los productores que se beneficiaron con las lluvias y pudieron aprovechar los verdes, además de los que encerraron ganado aprovechando la baja de precios de los granos, fueron los que disponían de la mercadería tan demandada por la industria, pero la duda que queda planteada ahora es si sigue habiendo oferta.

En las últimas 14 semanas, el precio promedio del novillo gordo trepó 17%, según el índice semanal que elabora la Asociación de Consignatarios de Ganado (ACG) en base a los negocios concretados. Este lunes la gremial de intermediarios señaló que el precio del novillo en cuarta balanza se ubica en US\$ 3,57 por kilo.

Esos productores con mercadería en sus campos esperaban ansiosos el inicio de las faenas kosher, que agudizarían la presión de la demanda y en consecuencia aumentarían los precios.

Sin embargo, el consignatario Walter Hugo Abelenda estima que ese ganado ya se vendió y ahora la oferta es realmente escasa, lo que le hace prever una disminución en el volumen de faena. En cuanto a los precios, señaló que dependerá de la actitud de la industria frigorífica, que observará si la oferta aparece con las subas de precios o de lo contrario los mantendrá ante la

Desde la industria advierten que negocio no es rentable con actuales precios del novillo gordo

22 de julio de 2015 Desde la industria advierten que negocio no es rentable con actuales precios del novillo gordo



El negocio de la industria frigorífica no está siendo rentable con el precio actual del novillo gordo sobre US\$ 3,60/kg, opinó el vicepresidente del frigorífico San Jacinto, Gastón Scayola. “Creo que la industria entró en un periodo donde las exigencias de los mercados o las exigencias de los compromisos hacen que se deba faenar igual con negocios que no son rentables”, dijo al programa Tiempo de Cambio de radio Rural.

El industrial hizo referencia principalmente a los negocios kosher. Un negocio “bastante poco flexible una vez hecho el acuerdo comercial”, consideró, principalmente por los costos asociados a la llegada de equipos especializados para realizar la tarea, y que demanda exclusivamente novillos gordos bien terminados.

Las industrias que prefirieron no hacer negocios con los israelíes en vistas de una previsible escasez de oferta -de la mano de malas condiciones climáticas- tampoco escapan a la actual realidad de precios, según Scayola. “Para los que hemos optado por trabajar más enfocado a China, teniendo en cuenta que ese país tiene cero elasticidad a subir precios de compra, el negocio también está comprometido”, sostuvo.

Para el industrial, en la medida que continúe la suba de precio del ganado gordo será necesario “ir acompasando el precio del mercado (de consumo) interno a la realidad del mercado del novillo”.

Mientras las cuadrillas kosher sigan realizando sus tareas en el país, posiblemente hasta fines de agosto, “se cumplirán los compromisos a costo de pérdidas a nivel de la industria”, remarcó. Para el comienzo de la primavera, de mantenerse estos niveles de precios, es posible que se registre una baja en el nivel de faena, con una posible necesidad de “evaluar otro tipo de medidas si el precio de la materia prima sigue creciendo a este ritmo”, señaló.

Para la primavera, si no hay una oferta tan presionada por la demanda es posible que se pueda volver a “precios razonables”. “Porque la situación actual no admite que se alargue demasiado en el tiempo”, concluyó el industrial.

Nueva suba de la carne, que acumula alza de 10% en dos semanas

22 jul 2015 La falta de ganado gordo preparado continúa e impulsa hacia arriba los precios de la hacienda reflejándose en la carne con hueso que es volcada al mercado interno. Esta semana el producto volvió a subir, está vez \$ 5 por kilo, en el marco de un aumento que abarca a todos los cortes con hueso; la semana pasada, algunas plantas habían ajustado \$ 3 por kilo la carne con hueso.

En esta ocasión, hubo una empresa que subió \$ 7 por kilo las pulpas sin hueso y \$ 10 por kilo los cortes bovinos sin desosar.

Con ambas subas ya se lleva un aumento de entre 7% y 10%, explicó a El País el presidente de la Unión de Vendedores de Carne (UVC), Hebert Falero, sin descartar nuevos incrementos en las próximas semanas.

El precio de la carne siempre aumenta cuando llega el invierno, reflejo de la falta de ganado, pero este año ese faltante es mucho más acentuado y desde hace meses, la misma industria frigorífica venía previendo el problema. Ya no es un tema de precios —hay negocios por novillos gordos a US\$ 3,70 por kilo de carne—, falta oferta y por más que los precios suben la oferta en el mercado no llega a crecer.

“La anterior suba de \$ 3 por kilo para la carne con hueso (la semana pasada) no fue trasladada al público por muchos carniceros y no se notó en los precios”, afirmó Falero a El País. Sin embargo, “ahora que nos estamos acercando a un aumento de casi 10%, la gente lo va a notar. Vamos a ver cómo reacciona”, agregó.

El presidente de la Unión de Vendedores de Carne reconoció que hay una caída en el consumo, pero no sólo en el caso de la carne. “Después de las vacaciones las ventas cayeron e incluso eran bajas previo a la suba”, agregó.

Falero le restó dramatismo a la suba. “La carne volverá a bajar en pocos meses cuando comience la zafra y la oferta de ganado gordo se incremente”, afirmó.

Importación.

Mientras tanto, con una suba del precio del ganado gordo en Uruguay que se acentúa y donde los frigoríficos dedicados al abasto interno son los que se despegan de los exportadores —no quieren perder el ganado que sale a venta—, la importación de carne bovina desosada desde Brasil continúa fluida, según algunas fuentes consultadas por El País.

Abastecedores con fuerte presencia en el mercado interno hace rato que están importando carne bovina brasileña, ayudados por los precios.

Hasta ahora venían entrando tres camiones por semana —son 66.000 kilos—, pero esta semana el ingreso subió a cuatro camiones (88.000 kilos); no crece más porque hay un fuerte faltante de ganado en Rio Grande do Sul. La carne vacuna brasileña que entra a Uruguay pertenece a razas británicas, tiene una alta calidad y ha sido muy bien recibida por el consumidor local. Los cortes sin hueso que entran desde Brasil, provienen de frigoríficos habilitados para la exportación.



Más allá de estas importaciones, la Unión de Vendedores de Carne sigue sondeando precios en Brasil y apunta a realizar importaciones.

Comenzó la auditoría de Egipto

21 jul 2015 Se puso en marcha ayer la auditoría sanitaria de Egipto buscando rehabilitar frigoríficos para retomar la exportación de carne bovina y ovina.

Los técnicos revisarán 18 frigoríficos durante su trabajo en Uruguay que se extenderá hasta el próximo 8 de agosto, luego harán un informe preliminar que quedará en manos del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca hasta que comuniquen la rehabilitación del mercado.

En caso de Uruguay, Egipto forma parte de sus más de 180 mercados para sus carnes naturales, libres de anabólicos y promotores de crecimiento porque están prohibidos por ley y producidas a cielo abierto. Todos esos son atributos que hoy buscan los consumidores en todo el mundo y Uruguay ya los tiene.

Coyuntura desafía ganadería de cría Será un invierno “caro”; tecnología puede resolver el volver a preñar vacas

PABLO ANTÚNEZ 19 jul 2015 La emergencia agropecuaria sigue profundizando la pérdida general de kilos en los sistemas ganaderos, el frío aprieta, el pasto se terminó y los fardos se siguen pagando a precio de oro.

Las lluvias, si aparecen, ya no arreglarán nada porque el partido se juega porteras adentro, donde el manejo —dependiendo de la estrategia y la situación de cada productor— puede significar perder menos condición corporal en algunas vacas de cría y poder volverlas a preñar en la primavera. "Hay soluciones, pero será un invierno caro", advirtió el doctor Alejandro Saravia, jefe de información y transferencia de tecnología del Instituto Plan Agropecuario (IPA). Los técnicos del Instituto Nacional de Tecnología Agropecuaria (INIA), Instituto Plan Agropecuario (IPA) y Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca continúan monitoreando la situación, pero más allá de darle recetas a los productores, la meta es fomentar la discusión y aprender para prevenir frente a otros eventos. La situación de cada productor es bien diferente y no hay una receta mágica que les ayude a solucionar la crisis: las decisiones se toman con sus propios números y en discusión con los técnicos y asesores.

Hay más de 3.000 productores asistidos con raciones por el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca, casi 90 gremiales trabajando en la entrega y se destinaron 20 millones de kilos de suplemento proteico junto con 12 millones de kilos de suplemento para terneros. A la vez, se distribuyeron 93 kilómetros de lona para comederos, lo que implica unos 3.720 comederos para el ganado.

La asistencia está, pero el productor queda con una deuda para adelante en un ejercicio que seguramente termine con costos mucho más altos que en el ejercicio pasado. Más allá de la asistencia oficial a los pequeños productores o productores familiares, hay otros que no entran dentro de esa categorización y están suplementando sus ganados por su cuenta.

Sentidos.

Hasta ahora la mortandad está centrada en vacas y algunos terneros que quedan empantanados en los tajamares casi secos, no se generalizaron casos de mortandad por hambre, sostienen los técnicos consultados por El País.

Lo más sentido en todas las zonas afectadas por la sequía son las vacas de cría que están en el tercer tercio de gestación y las categorías de reposición (animales jóvenes). "En las recrias, las vaquillonas venían muy bien para entorarse a los dos años y con el parate de otoño y el invierno que estamos pasando, si no se priorizan aquellas que tienen chance de llegar al servicio, va a costar preñarlas", aseguró Saravia a El País.

A la vez, hay vacas que están perdiendo condición corporal, pero llegarán armadas al parto y otras que ya están desechas y hay que ver si llegan al parto.

Según su visión, estamos a 100 kilos del peso ideal frente al nuevo servicio y "recuperar ese kilaje en septiembre, octubre y noviembre con un déficit de pasto enorme, por más que la temperatura sea normal, es muy difícil si no se suplementa o se puede pastorear una buena avena".

Saravia exhortó a los productores a "priorizar las medidas de manejo en algunas categorías, a los efectos de no entrar en una primavera cara". Todos los sistemas de cría precisan volver a preñar las vacas y aplicar destete precoz u otras tecnologías para que ese vientre recupere condición corporal y vuelva a preñarse, sumarán más costos que en algunas empresas se sentirán fuerte. "Una vaca que en lugar de 30 kilos pierda 25 kilos, capaz que se salve de un destete precoz y con una tablilla mejore la condición corporal. Si en la primavera, el productor tiene que poner US\$ 40 por vaca para volver a preñarla, las cuentas no van a dar. Al cierre del ejercicio los costos se van a disparar".

Mercado.

En varios casos la emergencia agropecuaria encontró los predios con cargas muy altas que no podían soportar con su base forrajera. La crisis obligó a alivianar los campos, pero "los productores están vendiendo en un mercado deprimido. Es muy fácil recomendar que bajen la carga, pero cuando esos



productores sacan ganado el mercado no los ayuda", dijo sin reparos el experto del IPA. Mirando para adelante, por más buena que sea la primavera, los productores tendrán que seguir tomando medidas para acortar los plazos de recomposición del sistema. "Por más que la primavera tenga buena lluvia, estamos 50 o 60 kilos de peso por debajo de cada categoría y recuperar eso llevará toda la primavera. A la vez, si viene un verano normal será difícil de manejarlo", finalizó Saravia.

La carga animal que pasó a ser histórica.

"Estamos frente a una carga animal histórica, de las más importantes que se hayan registrado", sostuvo Fabio Montossi, director general del INIA y reconocido investigador. Se proyecta un stock vacuno de 12 millones de cabezas y con una carga cercana a 0,8 Unidades Ganaderas por hectárea. A la vez, el área mejorada no supera el 17%" de la superficie destinada a la ganadería, reconoció Montossi.

PARAGUAY

FARM: Unánime postura en Mercosur para no levantar vacunación

20 de julio de 2015 | Rechazo unánime a la propuesta de dejar de vacunar contra la fiebre aftosa el hato bovino de la región en 2020 es lo que manifestaron los directivos de la Federación de Asociaciones Rurales del Mercosur (FARM), en el marco de la reunión realizada en la XXXIV Expo Internacional de Agricultura, Ganadería, Industria y Servicios, Expo 2015. La propuesta de "colgar las jeringas" surgió en mayo último, dentro del Plan Hemisférico de erradicación de la Fiebre Aftosa, en el Seminario de Quito-42 Cosalfa.

El proyecto de Cosalfa apunta a dejar de vacunar contra la fiebre aftosa en la región desde el año 2020, pero el programa consta de varias etapas intermedias. Se establecerían tareas que se deberán desarrollar en materia de vigilancia y otros.

Sin embargo, la postura de todos los miembros de la FARM es mantener la vacunación para evitar cualquier tipo de problemas en el sector comercial.

En otro orden, el titular de la FARM, representante de la Sociedad Rural Argentina (SRA) Luis Miguel Etchevehere, valoró el trabajo de la ganadería paraguaya en alianza con el sector público y dijo que ese es el camino que hay que seguir.

"Paraguay está haciendo un gran trabajo en el sector agroganadero, complementando correctamente la labor público privada", señaló.

El gremialista argentino resaltó todos los logros obtenidos por la ganadería paraguaya a partir de la libertad de acción y del acompañamiento de los organismos del Estado, lo que dio un crecimiento muy importante al país como productor de carne, consiguiendo cada vez más mercados.

Dijo que todo lo que hace Paraguay en esta materia es digno de imitar y, en cambio, la política aplicada en Argentina es todo lo que no se debe hacer.

En ese sentido, aseguró que los 12 años del gobierno kirchnerista llevaron al sector ganadero argentino a perder mercados y, principalmente, miles de empleos directos para sus compatriotas.

Expresó que debido a las medidas populistas del Gobierno del país vecino se cerraron cientos de frigoríficos en los últimos años y se perdieron miles de fuentes de trabajo.

La FARM reúne a todas las asociaciones rurales del Mercosur y cambia de presidente cada año, rotando por gremios. En setiembre próximo asumirá Germán Ruiz, titular de la Asociación Rural del Paraguay.

Nuevo desafío: la auditoría de la UE en noviembre próximo

21 de julio de 2015 La Unión Europea (UE) hará en noviembre próximo una auditoría a nuestro sistema de producción de carne, que será una "gran batalla", un nuevo desafío que enfrentará la industria y la ganadería, dijo el Dr. Hugo Idoyaga.

"La auditoría de la institución sanitaria de la Unión Europea estaba prevista para mediados de este año, pero se postergó para noviembre, es un hecho ya oficializado. De aprobarse este examen significará el mantenimiento definitivo de dicho mercado y la confirmación del excelente posicionamiento de la industria paraguaya de la carne", declaró ayer el presidente del Servicio Nacional de Calidad y Sanidad Animal (Senacsa), Dr. Hugo Idoyaga. Fue en el marco del lanzamiento de la tercera campaña de vacunación antiaftosa del periodo 2015.

Añadió que actualmente técnicos de Panamá están realizando auditoría sanitaria con miras a la apertura de ese mercado para envíos de carne y ganado en pie.

Igualmente, se tiene prevista, pero sin confirmación, la auditoría de Arabia Saudita, que sería aproximadamente en agosto próximo.

También se espera el examen sanitario de Irán, visita que está en un trámite muy avanzado, pero sin fecha para habilitar ese mercado para la carne.

Campaña antiaftosa

Arrancó ayer el tercer periodo de vacunación contra la fiebre aftosa, que se extenderá hasta el 4 de setiembre; mientras que el registro se podrá realizar hasta el 18 de setiembre del corriente año, informó



Idoyaga. Según datos, la meta es inmunizar en el presente periodo a unas 13.800.000 cabezas de ganado bovino y bubalino con el trabajo de 20 comisiones de salud animal, 3.300 fiscalizadores, 126 veterinarios coordinadores, con G. 27.600 millones de presupuesto estimado.

Auditoría de PANAMÁ verificó sistema sanitario y doce plantas frigoríficas

www.lanacion.com.py 24/07/2015 - Ayer finalizó la visita de la misión técnica panameña en el país y la evaluación fue positiva para los intereses de Paraguay con miras a la exportación de carne premium a dicho mercado. José Arcia, representante de la Autoridad Panameña de Seguridad de Alimentos (AUPSA), manifestó que observó una situación positiva en el aspecto sanitario y que las industrias frigoríficas cumplen con todas las normas exigidas.

La visita comenzó el día 12 de julio y la misión fue verificar el sistema sanitario de Paraguay, ver las condiciones, sus puntos fronterizos, los programas sanitarios que lleva el sector oficial e inspeccionar los diferentes frigoríficos, comunicó José Arcia.

En total verificaron 12 plantas frigoríficas paraguayas y los auditores mostraron conformidad. Este es el inicio del proceso de una posible apertura del mercado panameño a la carne bovina paraguaya. Los evaluadores sanitarios elevarán los resultados a las respectivas entidades y hay un consejo técnico científico que aprueba o desaprueba, informó Arcia. Manifestó que el proceso de apertura puede tardar entre tres a seis meses.

Panamá es un país con una población cercana a 4 millones de personas pero tiene un flujo turístico muy fuerte en el Canal de Panamá y las costas turísticas. La intención es llevar carne para proveer a las cadenas hoteleras y los restaurantes enfocados al sector turístico. Actualmente los proveedores más importantes del mercado panameño son Nicaragua, Estados Unidos y Costa Rica, informó José Arcia.

Jair Lima, presidente del Frigorífico Concepción y miembro de la Cámara Paraguaya de Carnes (CPC), manifestó que Panamá expresó el interés de llevar carne premium paraguaya para satisfacer al sector turístico. Destacó que tras la apertura del mercado de la Unión Europea a la carne bovina paraguaya mercados importantes como Colombia, Costa Rica, Irán, Perú, Arabia Saudita y Países del Caribe extendieron su intención de comprar carne paraguaya.

Analizan estrategia para aumentar exportaciones de carnes hacia PERU

www.elagro.com.py 23/07/2015 - Una delegación de peruanos, entre los que se destaca la presencia de empresarios de importantes frigoríficos cárnicos, se reunieron ayer en la Cámara Paraguaya de las Carnes (CPC). El objetivo de la reunión fue establecer las bases para que Paraguay exporte mayor cantidad de productos cárnicos a dicha región.

César Ros, directivo de la CPC, quien presidió el encuentro, comentó que existe un gran potencial para la carne paraguaya en Perú, país que es reconocido por su gastronomía y es meca del turismo.

“Estamos convencidos de que el mercado peruano, que está iniciando un proceso de mayor consumo de carne vacuna y porcina, es un mercado muy importante para Paraguay, ya que su gastronomía es muy reconocida y van a apreciar mucho la calidad de los productos cárnicos que le exportemos”, dijo Ros, en el marco de la reunión que se realizó dentro de la Expo 2015.

Explicó que si bien Paraguay ya exporta menudencias vacunas al país incaico, se espera que el proceso de comercialización se haga más eficiente con la tecnología y los costos de logística que se van reduciendo, lo que va a posibilitar el ingreso de carne premium a dicho país.

Julio Duarte Van Humbeck, embajador de Paraguay en Perú, quien acompañó a la delegación, explicó además que uno de los pasos importantes para el establecimiento de mayores volúmenes de negocios con el país incaico es la conformación de la Cámara Peruano Paraguaya, que ya es un hecho en este momento.

“Dicha plataforma de comercios reúne a más de 24 empresas de variados productos y alimentos refrigerados, lo que es una demostración del potencial que existe en lo que corresponde al interés en la proteína roja paraguaya”, dijo el diplomático.

María Luisa Flores, gerente de la Unidad de Negocios Cárnicos de Frigorífico JO SAC de Perú, valoró el trabajo de Paraguay en lo que corresponde al crecimiento de la industria de cárnicos.

Comentó que existe una tendencia en Perú de optar por el mayor consumo de la proteína roja, que es lo que les impulsa a las empresas a importar productos cárnicos de una zona ganadera como es Paraguay.

“Creemos que a través de empresas como la nuestra podemos ser plataforma de las importaciones, que puedan llegar los productos de Paraguay”, dijo la empresaria, que refirió ser representante de los tres centros retail más grandes del país incaico.

Korni Pauls, presidente de la CPC, dijo que para hoy tienen en la agenda la reunión con una delegación de empresarios de Chile, Colombia y Panamá.

Dijo que es importante estrechar vínculos con países de la Alianza del Pacífico, como una de las formas de diversificar los destinos donde Paraguay envía productos cárnicos. Paraguay exporta proteína roja a



unos 69 mercados, donde los principales destinos son Rusia, Chile, Brasil, Israel y Hong Kong. En cuanto a Perú, en el mes de junio se acordó el envío de unas 100.000 toneladas de menudencias vacunas.

UNIÓN EUROPEA

Rescate griego costará a sus productores agrícolas €2000 millones

TheCattleSite News Desk 21 July 2015 GREECE - The new bailout agreement reached this week could cost Greek agriculture more than €2 billion, according to a Greek agricultural association.

On July 13, Eurozone leaders reached an agreement on a third bailout to save Greece from bankruptcy, with a new loan of €86 billion (\$94 billion).

The Pan-Hellenic Confederation of Unions of Agricultural Cooperatives (PASEGES) believes, based on an analysis of EU data (Eurostat), that the cost to Greek Agriculture of a new bailout agreement will be more than €2 billion per year.

The costs refer to:

Direct taxation of all subsidies which would cancel the current exemption for incomes below €12,000. Farmers would then have to pay taxes valued at €506 million on the €2.3 billion in income they receive in the form of EU subsidies;

The new tax rate would go from 13 percent to 26 percent, meaning farmers would have to pay approximately €200 million than before;

Farmers would lose a fuel tax benefit that was valued at €183 million in 2013, last year in which the benefit was offered;

Farmers Insurance costs would increase an additional €1 billion per year;

The VAT for agricultural supplies would increase from 13 percent to 23 percent, accounting for an additional €283 million in costs.

PASEGES President Tzanetos Karamihas issued a press release saying that "Measures required by our country's bailout agreement with the creditors are very harsh and will overwhelm Greek farmers."

However he also said: "But it would be much worse if no agreement was reached at all and Greece was led to a disastrous exit from the Eurozone and the European Union."

Mr Karamihas added: "The Greek agricultural sector needs political stability at this moment and a new production reform and strategic plan, developed in cooperation with and in consultation with institutions and productive associations of the country.

"This is necessary in order to mitigate any negative effects and enable Greek agriculture to remain competitive."

Deputy Minister of Rural Development and Food Vangelis Apostolou has supported of the new bailout agreement noting: "Today is an important day for both Europe and Greece. With the signing of a new agreement Greece will continue to be a productive member of the European Union.

"While the agreement may be tough, and its implementation will certainly have consequences for the Greek people, it is a necessary step for Greece's continued membership as part of the Eurozone. We (Greece), therefore, pledge to implement the plan accordingly."

Francia establece un paquete de ayuda por €600 millones para sus productores agropecuarios

AFP By Richard Carter and Emmanuelle Trecolle July 22, 2015 Paris (AFP) - The French government Wednesday unveiled a package worth more than 600 million euros (\$655 million) for farmers, after days of protests that have blocked cities, roads and tourist sites.

The measures sparked a mixed reaction, with some farmers stopping their protests but others vowing to step up their blockades.

Prime Minister Manuel Valls declared: "We hear the anguish of the farmers," many of whom say they are on the brink of bankruptcy due to falling prices and increased competition.

"We have seen a fear of the future but also the desire to do a job that is more than a job: being a farmer means making a lot of sacrifices ... and contributing to the unique job of feeding the French people," Valls told reporters.

Valls said the government would waive around 100 million euros in taxes and set aside a further 500 million euros to give farmers more time to pay various debts and taxes.

In addition, France's public investment bank will guarantee 500 million euros in loans for farmers to ease their cashflow crisis.

In recent days, farmers have dumped manure in cities, blocked access roads and motorways and hindered tourists from reaching Mont St-Michel in northern France, one of the country's most visited sites.

Overnight Tuesday, farmers briefly blocked the A1 motorway, a key artery between Paris and northern France, with around 500 tractors.

In the flashpoint city of Caen, farmers decided to lift their blockade after the measures were announced, letting through heavy goods vehicles, some of which had been stuck since Monday morning.



However, some militant farmers in the south vowed to block access to Lyon, France's second city. "The measures will be put in place from this afternoon until tomorrow morning. We do not know how long they will last," said local union boss Dominique Despras, who added it would be an "unprecedented" action.

A combination of changing dietary habits -- French consumers are eating less meat -- and foreign competition has driven down pork, beef and milk prices.

Farmers blame supermarkets, distributors and the food processing industry for keeping prices low.

Retailers and food industry chiefs promised to raise prices on meat and dairy after meeting farmers last month, but the farmers say price hikes in supermarkets have yet to filter down to them.

Agriculture Minister Stephane Le Foll has said around 10 percent of farms in France (approximately 22,000 operations) are on the brink of bankruptcy with a combined debt of 1.0 billion euros, according to the FNSEA farming union.

While the farmers' actions have grown more violent over the past few days, anger has been mounting since the beginning of the month, with around 12,000 farmers in total protesting across the country.

"There is a sort of exasperation and anger that has been rising for weeks. You can't say you weren't warned," stressed the head of the powerful FNSEA, Xavier Beulin.

Although agriculture only accounts for two percent of French gross domestic product, farming provides nearly one million jobs directly or indirectly and politicians pay close heed to the industry's mood.

The dairy industry has suffered a triple shock from the Russian embargo on Western products over the Ukraine crisis, a dip in Chinese demand and the end in April of European milk quotas.

According to recent figures from the French agriculture ministry, the price of milk bought from the producer plunged by 12 percent in May compared with the same month the previous year -- to 303 euros per 1,000 litres.

Meat producers have also been hit by the Russian embargo and are battling strong competition from neighbouring countries such as Spain, Germany and the Netherlands.

Valls has also stressed that "the government cannot act alone". He called on "everyone to live up to their responsibilities", including retailers and the food processing industry.

Hollande has also insisted that consumers play their role, calling on them to "eat French-produced food as much as possible."

The president is due to meet officials from the agricultural industry on Thursday in Dijon, eastern France.

De acuerdo con las declaraciones hechas por el presidente de Interbev, la interprofesional del sector vacuno francés, Dominique Langlois, la posible salida de Grecia del euro podría acabar afectando a la evolución del vacuno en Francia. Los problemas vendrían porque Francia actualmente es el principal proveedor de carne de vacuno de Grecia después de Italia, [...]

De acuerdo con las declaraciones hechas por el presidente de Interbev, la interprofesional del sector vacuno francés, Dominique Langlois, la posible salida de Grecia del euro podría acabar afectando a la evolución del vacuno en Francia.

Los problemas vendrían porque Francia actualmente es el principal proveedor de carne de vacuno de Grecia después de Italia, según Langlois, quien afirma que "el sector vacuno francés está a la espera de los acontecimientos en este país". Langlois asegura además que se han producido también tensiones en los mercados con precios a la baja en muchos de los mercados europeos debido a las negociaciones que se están manteniendo con Grecia.

A lo largo del pasado mes de junio, el ministro francés de Agricultura, Stéphane Le Foll, ha mantenido diversas reuniones con representantes del sector cárnico francés para buscar soluciones a la situación actual de crisis del sector. Esta se ha visto agravada por una huelga de 3 días de los granjeros que bloquearon 17 de los mataderos de vacuno más importantes del sector.

De acuerdo con información de Bord Bia, se ha pactado un incremento de los precios poco a poco, en torno a 5 céntimos de euro semanales hasta alcanzar los 4,50 e/kg pero sin embargo tan solo se ha incrementado en 1 o 2 céntimos hasta alcanzar los 3,72 e/kg ante el temor de una posible salida de Grecia del sistema euro que podría acabar afectando a las exportaciones francesas.

Cuota Hilton 2014-15 aumentó su utilización: 67.8% del total

23 July 2015 According to the EU Commission, global usage of the "Hilton" quota increased 6% in 2014-15, totalling 45,618 tonnes swt, or 67.8% of the total quota. The rise was mainly driven by the increase in Brazilian beef shipments under the quota.

Brazil filled 80% of its allocated quota (or 7,990 tonnes swt) in 2014-15, up from 41% (4,079 tonnes swt) in the previous fiscal year. A greater number of cattle meeting the specifications to supply beef under the quota underpinned exports.

Australia has been a consistently high user, but registered a slightly decline in 2014-15, with utilisation at 95% (6,815 tonnes swt)



New Zealand and Uruguay continued to use all of their annual allocation; both countries have recorded high usage since 2009-10.

Argentina has the largest quota allocation, at 30,000 tonnes swt, but has consistently fallen short, shipping 76% (or 22,867 tonnes swt) of its total allocation in 2014-15.

The US and Canada share a quota of 11,500 tonnes swt and its quota utilisation remained very low, at 3% (353 tonnes).

The EU "Hilton Quota" is a country specific beef quota, with access allocated to Argentina, Australia, Uruguay, New Zealand, Brazil, US/Canada and Paraguay. Disappointingly for countries that regularly fill their allocation, including Australia, New Zealand and Uruguay, unused quota cannot be redistributed to other supplying nations.

ESTADOS UNIDOS

Estudio sostiene que los consumidores americanos prefieren carnes rotuladas como procedentes de EE.UU.

22/07/15 - por Equipe BeefPoint Apesar da tentativa de revogar a rotulagem do país de origem (COOL, da sigla em inglês) nos Estados Unidos, um estudo mostrou que os consumidores preferem os produtos de carne rotulados como sendo dos Estados Unidos. Conduzida pela Universidade de Arkansas, os consumidores americanos receberam apenas carne com o país de origem especificado e foram solicitados a dar opinião sobre segurança, sabor e frescor da carne de 10 países – México, Índia, Brasil, Nova Zelândia, Nicarágua, Rússia, Tailândia, China, Estados Unidos e Canadá. A pesquisa descobriu que os participantes achavam que a carne dos Estados Unidos e do Canadá era mais segura do que a de outros países.

Em um segundo estudo, um grupo recebeu carne bovina e de frango rotuladas com os Estados Unidos como país de origem e um segundo grupo recebeu carne bovina e de frango rotulada como sendo mexicana. Os participantes desse estudo preferiram a carne dos Estados Unidos.

Um terceiro estudo, então, revelou que quando os consumidores ficaram sabendo que os padrões de processamento da carne no México era similar aos dos Estados Unidos, as intenções de compras de carne americana já não foram mais elevadas.

"O requerimento do país de origem parece fornecer aos consumidores uma informação adicional que tem efeitos diretos e indiretos nas intenções de compra", disse o professor de marketing do Sam M Walton College of Business, Scot Burton. "O requerimento impacta em atributos inferidos, significando que os produtos de carne dos Estados Unidos são percebidos como mais seguros, mais saborosos e mais frescos do que os do México. É claro, esses atributos, por sua vez, têm efeitos positivos nas decisões de compras".

A COOL foi introduzida nos Estados Unidos como parte da lei agrícola – Farm Bill – de 2002 e 2008, com a intenção de fornecer aos consumidores informações para ajudá-los a tomar decisões de compras informadas. Entretanto, a implementação de requerimentos de rotulagem tinha um custo estimado de US\$ 100 milhões, e o Canadá e o México disseram que a lei discriminava seus produtores. Essas queixas do Canadá e do México levaram o governo dos Estados Unidos a começar a revogar os procedimentos para a COOL. Em 10 de junho de 2015, o Congresso dos Estados Unidos aprovou a Ato de Emenda da Rotulagem do País de Origem de 2015, que revoga os requerimentos para os varejistas de carne de frango, suína e bovina informarem aos consumidores o país de origem no ponto final de venda. Isso foi ao Senado para consideração.

Lluvias y pasturas favorecen la recuperación del rodeo bovino

Beefsite 22/07/15 Adequate precipitation is allowing for pasture recovery across much of the central and eastern US, adding to an improved forage picture.

Hay should encourage cattle expansion across a broad area and present pasture conditions, rated at 65 per cent 'good or excellent' nationally, are limiting light placements at the feedlots.

Economist Professor Matthew A. Diersen has encouraged ranchers to expand and use a larger forage supply.

He predicts hay prices, on the back of ending stocks of 18 million tons, to sit around \$160 per ton, although caveats that there are fewer harvest acres than last year.

The North Dakota State University expert said: "The bottom line is that hay use can increase this year and take stocks down slightly, but with a lower price level than a year ago." Last year the all US hay price was \$180 per ton.

Meanwhile, nationally, ten per cent more pasture is in the "good to excellent" category this year than last. North Dakota and Oklahoma boast "good to excellent" pasture conditions across 79 per cent and 68 per cent of grazing land.



Such improvements are causing ranches to retain replacements heifers and market cattle after longer time at pasture, according to North Dakota State University livestock economist, Tim Petry.

He said Canadian and Mexican live imports are keeping feedlot inventories maintained.

Further west, California remains trapped in a four year drought cycle, which is spreading east.

Latest updates from the US drought monitor show growing areas of Utah, Wyoming, Idaho, New Mexico and Arizona are becoming increasingly affected.

Some “anomalous” rains were recorded in California last week leading to minor improvements in the drought situation, barring those areas in “exceptional” drought – 35 per cent of pastures are in “good or excellent” condition.

Over in the Mid West, untimely rains have disrupted hay making, prompting extension agents to advise on hay moisture levels.

Daniel Lima from Ohio State University has advised upper limits of 20, 18 and 16 per cent moisture for small square, large round and large square bales.

He said June proved a “double edged-sword” by forcing farmers to delay baling or bail with moisture too high. He recommends forage testing ahead of winter feed budgeting.

Proyectan una caída en la producción de carnes en 2015. Impactará sobre el consumo y exportaciones

22 July 2015 The latest round of outlook reports released by the United States Department of Agriculture (USDA) indicate that US beef production will be lower in 2015, but start to increase from 2016. The World Agricultural Supply and Demand Estimates and Livestock, Dairy and Poultry Outlook estimate 2015 beef production to reach 10.8 million tonnes carcass weight (cwt) – down from 11.0 million tonnes in 2014 – before increasing to 11.3 million tonnes cwt next year.

Cattle slaughter and beef production has been in decline in the US over the last few years, accentuated in 2014 and 2015 by cow and heifer retention, as herds have reached their lowest numbers in decades. Historically high prices for calves (for feeding) in the last 18 months have encouraged breeding activity, limiting productive capacity in the short term, but indicating that US cattle producers will be aiming to increase production over at least the next few years.

Price forecasts

The average annual price for fed steers grading Choice in 2014 was 340.75US¢/kg live weight (lwt), and is forecast to average between 348–357US¢/kg lwt in 2015 and 342–368US¢/kg lwt in 2016. Prices for feeder steers have been even stronger, as lot feeders have had to bid up to keep numbers in feedlots, and grain prices fell over the last two years. In 2014, feeder steers averaged 447.17US¢/kg lwt, and are forecast at 476–487US¢/kg lwt in 2015 and 487–500US¢/kg lwt in 2016.

Consumption and trade impacts

A few major impacts of the lower US beef production in 2014 and 2015 have been declines in US per capita beef consumption and US beef exports, while beef imports have jumped dramatically. Should the increase in production occur next year, these trends are also forecast to reverse, with per capita beef consumption growing from 24.6kg retail weight per capita in 2015 to 24.9kg retail weight per capita in 2016; and imports falling from the historically high 1.56 million tonnes in 2015 to 1.36 million tonnes in 2016.

Oferta elevada de proteínas alternativas afectará los precios de las carnes vacunas

22 July 2015 Increasing production of poultry (especially chicken) and pork in the US through 2015 and 2016 has the potential to add downward pressure to historically high beef prices.

Figures from the July World Agricultural Supply and Demand Estimates and the Livestock, Dairy and Poultry Outlook released by the United States Department of Agriculture (USDA) show chicken production jumping 5%, to 18.37 million tonnes carcass weight (cwt) in 2015, and further to 18.78 million tonnes cwt next year. Similarly, pork production is forecast to rise 8%, to 11.15 million tonnes cwt this year, and to 11.21 million tonnes cwt in 2016.

Some of the increase in pork production will be partly offset by higher exports in 2015 and 2016, although hog and pork prices are much lower this year, and likely to be lower again in 2016. Per capita consumption of pork in the US is still forecast by the USDA to grow from 21.0kg in 2014 to 22.5kg retail weight in 2015.

Chicken exports, however, have been limited by trade restrictions placed by importing countries as a result of an outbreak of avian influenza in the US. This means there is a much larger amount of chicken available in the US market – per capita consumption is forecast to grow from 37.8kg in 2014 to 40.3kg retail weight in 2015.



AUSTRALIA

Australia suscribe un acuerdo con CHINA para comenzar a exportar vacunos en pie

22 July 2015 GLOBAL – Australian and Chinese veterinary bodies are formalising an agreement to commence live cattle shipments from Australia to China.

Exporter Supply Chain Assurance System (ESCAS) arrangements, as well as commercial considerations, await confirmation from Minister Zhi Shuping, Australian agriculture minister Barnaby Joyce said on Monday.

Progress on animal health certification requirements would make China the seventh new Australian market destination negotiated since September 2013.

Mr Joyce added that “significant” trade in breeder cattle, primarily dairy heifers, had taken place over the last five years.

According to Chinese sources, Mr Joyce forecast live cattle trade to China being worth up to A\$2 billion in ten years’ time.

He said: “Getting the groundwork right for any new market can take time, and now the industry can prepare to begin this trade.

“This will be the seventh livestock slaughter cattle export market that I’ve opened since becoming Minister—adding to Lebanon, Bahrain, Egypt, Iran, Cambodia and Thailand.

“Market access is a major priority for the Australian Government—we have sent a clear message - Australia is open for business.”

Operating since July 2011, ESCAS operates as an assurance standard for exporters of feeder and slaughter livestock on animal welfare, control through the supply chain and traceability, through independent audits for cattle, buffalo, sheep and goats.

ESCAS demands livestock are handled in conformity with World Organisation for Animal Health (OIE) recommendations for animal welfare ‘up to and including the point of slaughter’

Mayores envíos de bovinos vivos hacia Indonesia y Vietnam

22 July 2015 Australia exported almost 148,000 head during May, taking the calendar year-to-date total to just over 583,000 head (Australian Bureau of Statistics), up 11% year-on-year.

Exports were assisted by high import quotas into Indonesia (100,000 head in Q1 and 250,000 head in Q2), in addition to continued demand from Vietnam.

However, how will the announcement of a 50,000 head third quarter quota into Indonesia affect exports?

Assuming the third quarter quota does not change and is completely utilised, this will leave about a 132,000 head shortfall on what was shipped to Indonesia in the first three quarters of 2014, as illustrated in However, with shipments to Vietnam for the year-to-May period up 139% year-on-year (or an increase of just over 98,000 head) the impacts of reduced shipments to Indonesia may be mitigated. In fact, given Vietnam shipped almost 58,000 head during the third quarter in 2014 and shipments have only continued to grow since then, we may see Indonesia drop below the top market for Australian live cattle exports in the short term.

VARIOS

Ingresa Bolivia a un Mercosur que acordó negociar en bloque con la UE

ABC – 19/07/15 Resoluciones importantes surgieron de la última reunión de jefes de Estado del Mercosur.

En primer lugar, se aprobó la moción para que la negociación con la Unión Europea siga siendo entre bloques. En este marco el Mercosur impulsará un intercambio de ofertas con la UE antes de fin de año.

Esto deja sin efecto las intenciones de Brasil, Paraguay y Uruguay de negociar por su cuenta. Sin embargo, esta aprobación le costó a la Argentina la promesa de eliminar trabas a las importaciones, especialmente la Declaración Jurada Anticipada de Importación (DJAI).

En segundo lugar, se formalizó la incorporación de Bolivia como sexto miembro del Mercosur.

Paraguay cierra el primer semestre con niveles históricos de faena acumulada

Sector Cárnico paraguayo cerró un primer semestre positivo. En lo que va del 2015 la industria procesadora de carne bovina ha alcanzado niveles históricos con una faena acumulada en torno a las 2,2 millones de cabezas según cifras del portal abcColor.

A pesar de los problemas que atraviesa Rusia –principal comprador de carne paraguaya– que han presionado los precios a la baja, la habilitación de nuevos mercados debería resultar en una mayor diversificación de los destinos.

La suba del tipo de cambio guaraní/dólar norteamericano podría también ayudar a mitigar esta baja, resultando en mayores niveles de facturación medidos en moneda local. También cabe destacar el efectivo reposicionamiento de la carne paraguaya en el mercado chileno, siendo responsable del 40% de las importaciones a dicho país



EMPRESARIAS

Marfrig confirmo el cierre de una unidad en el estado de Rondonia

Fonte: Extra de Rondônia, adaptada pela Equipe BeefPoint. 22/07/15 - por Equipe BeefPoint Em reunião realizada na tarde desta segunda-feira (20), no Ministério de Trabalho, em Vilhena, entre representantes do frigorífico, comissão de trabalhadores da empresa e lideranças políticas, ficou decidido o fechamento do Marfrig, em Chupinguaia (RO).

Após várias reuniões a empresa alegou que a unidade em Chupinguaia está gerando prejuízos ao grupo desde o ano 2011.

A queda na comercialização da carne bovina foi uma situação negativa para a empresa. A discussão foi presidida pela juíza do Trabalho, Fernanda Antunes Marques Junqueira.

Na reunião, algumas propostas foram feitas pelos representantes do frigorífico aos funcionários, como recolocação de mão de obras aos empregados que demonstrem interesse, sendo 102 vagas disponíveis para remanejamento imediato, sendo 24 na unidade de Rolim de Moura (RO), 17 em Tangará da Serra (MT), 16 em Paranatinga (MT) e 45 em Tucumã (PA). Nestes casos, a empresa oferece, dentro de sua política de transferência, 30 dias de hospedagem em hotel, a ser custeada pela empregadora, além de um salário adicional e pagamento do transporte para realização a mudança.

Outra proposta seria o pagamento de verbas rescisórias decorrentes da ruptura unilateral do contrato de trabalho; pagamento de indenização adicional correspondente a 1 salário mínimo para os trabalhadores que contam com menos de 1 ano de contrato de trabalho; já para aqueles que contam com mais de 1 ano a indenização é de 2 salários e, para os que contam com mais de 2 anos, a indenização é de 3 salários. O pagamento será efetuado mensalmente.

Dentro da proposta está o pagamento de cesta básica mensal até dezembro de 2015, curso de qualificação de mão de obra e, para aqueles trabalhadores atingidos com a cessação do contrato de trabalho, a empresa se compromete a dar preferência para nova contratação dentro do prazo de 1 ano.

O fechamento da Marfrig pode provocar um “colapso econômico” no Município, já que a empresa opera com mais de mil empregos diretos e indiretos.

Reportaje de Folha de São Paulo a Wesley Batista: “Lo más preocupantes es la competitividad “

Fonte: Folha de São Paulo 22/07/15 - por Equipe BeefPoint O país atravessa o pior ano das últimas duas décadas e a crise econômica afeta parcialmente as operações da JBS, maior empresa de proteína animal do mundo. Nos últimos dois meses, a empresa fechou cinco frigoríficos de carne bovina no país.

Mas o presidente da companhia, Wesley Batista, diz que a crise econômica não é o que mais preocupa. “Todo ajuste é dolorido, mas achamos que em 2017 ou 2018 o país volta para o trilho. O que nos preocupa é que o Brasil está perdendo competitividade”, diz Batista, que lidera os negócios de uma empresa presente em mais de 20 países.

No exterior, a disposição de investir continua alta. Nos últimos 30 dias, fez duas aquisições na Europa e nos EUA que somaram US\$ 3 bilhões e serão pagas com os R\$ 14 bilhões em caixa e financiamento nos EUA. “Acessar o mercado de capitais de outros lugares do mundo, sem o custo Brasil, é um benefício da JBS”, diz.

Em entrevista à Folha, ele ainda defendeu a nova campanha publicitária da Seara, a marca de alimentos industrializados da JBS, que gerou polêmica com a rival Sadia. “Para mim, ‘S’ é de Seara.”

Como está o mercado brasileiro de proteína animal?

O segmento de carne bovina passou o semestre mais difícil dos últimos anos. Houve uma queda muito grande das exportações e a economia brasileira está num momento super desafiador, com um PIB negativo. Os consumidores estão olhando opções para manter a proteína dentro de casa gastando menos, mudando para o frango. Com a junção das duas coisas, a indústria está passando por um momento difícil. A carne tem um custo...

E não dá nem para baixar preço porque o custo continua elevado?

O preço vem baixando um pouco nos últimos meses porque não tem demanda. Está faltando boi e sobrando carne. Eu estou nesse negócio há mais de 25 anos e eu nunca tinha visto a combinação tão severa de queda nas exportações e do consumo interno. O lado positivo é que a JBS Foods [que inclui carne de frango] vai bem, com a maior procura no mercado pelo frango. Nas exportações, os focos de gripe aviária nos EUA e no México estão beneficiando o Brasil, que está exportando mais para a Coreia, para o Japão...

Essa combinação ruim na carne bovina está resultando no fechamento de unidades?

Está faltando boi e sobrando carne. Não está vendendo. Vai fazer o que, com a economia brasileira do jeito que está indo? A indústria está se ajustando.

A JBS interrompeu a produção em quantas unidades?

Cinco.



Elas fecharam?

Sim, essas cinco pararam. Não esperávamos essa queda tão brusca das exportações atrelada com um mercado doméstico tão... Estávamos crescendo em bovinos, abrimos fábricas, compramos empresas. Nós tivemos uma surpresa.

O que surpreendeu mais? A queda das exportações ou a do consumo interno?

As exportações. No fundo, erramos. Achamos que a exportação seria mantida e que o mercado doméstico não estaria tão pressionado. Achávamos que o Brasil não cresceria neste ano, mas teria um PIB negativo de 0,5%... Agora estamos falando de 2% de queda no PIB. A coisa está cada dia mais difícil. Se tivéssemos previsto um cenário tão desafiador, talvez não tivéssemos feito aquisições e aberto plantas como fizemos.

Como o sr. vê o atual momento econômico?

Somos uma empresa otimista, mas não adianta tapar o sol com a peneira. Temos uma realidade super desafiadora no Brasil. 2015 está sendo um dos anos mais difíceis das últimas duas décadas. Nós acreditamos muito na capacidade de recuperação. Se você me perguntar como está a curto prazo, eu respondo que está difícil e vai ficar difícil. No médio prazo, em 2017 ou 2018, o Brasil volta para o trilho. Este é o ano mais difícil do ciclo. Não mudamos a nossa estratégia de investimento porque estamos olhando para frente. Se fôssemos olhar para este ano e tirar uma fotografia, nós teríamos parado. Agora, estamos fazendo os ajustes que são necessários. Como diz o ditado, você tem que dançar conforme a música. Todo ajuste é complicado, no setor público ou no privado, é sempre dolorido, causa estresse.

Então o sr. acha que a situação melhora no médio prazo?

Nos preocupamos menos com o momento e mais com o caminho. O juro está alto porque tem que ficar alto momentaneamente. A inflação está alta e tem que voltar para a meta. Em um, dois, três anos o juro pode voltar para níveis mais acessíveis. A economia vai decrescer, mas daqui a pouco vai ajustar. O que mais nos preocupa é a competitividade brasileira. O Brasil está perdendo competitividade e precisa de reformas estruturais. Esse é o tema que mais nos preocupa.

O ambiente para negócios está piorando?

Estamos regredindo na área tributária, trabalhista... As relações trabalhistas estão a cada dia mais litigiosas, está mais incerto. Quando olho para os últimos dez anos, hoje a situação está muito pior. Estamos indo no caminho errado. O sistema tributário há dez anos era mais simples do que é hoje. A insegurança jurídica está aumentando no Brasil. Isso tudo preocupa. Hoje eu falo com conhecimento de causa. Eu ouvi por muitos anos falar em "custo Brasil" e, na realidade, eu não conseguia mensurar isso. Hoje, a JBS tem operações grandes fora do Brasil, em diversos países, e eu sei exatamente o que é o custo Brasil e a sua complexidade.

E esse custo está aumentando?

Está aumentando. Há dez anos, o Brasil tinha menos litígio na área trabalhista, tinha mais segurança jurídica. O sistema tributário já era muito ruim, mas ele piorou um pouco. Você tinha menos guerra fiscal, menos disputa de convalidação de crédito tributário entre um Estado e outro e isso veio aumentando nos últimos anos. Isso foi acumulando um monstro na sala. O Brasil está ficando muito litigioso e inseguro juridicamente.

Por que ocorre esse aumento no litígio trabalhista? O cenário econômico favorece esse tipo de coisa?

Não. É por falta de regra, segurança jurídica. Acordo coletivo valia há dez anos. Hoje, acordo coletivo não vale mais nada. Você não tinha discussão de coisas primárias... isso está ficando insustentável.

Como o sr. vê o ambiente político dificultando as reformas?

Ruim. Para endereçar reformas como essas, você precisa do Executivo e do Legislativo trabalhando na mesma pauta. Quando você tem divergências, tem um desafio adicional, sem dúvida.

Faz quase dois anos que vocês compraram os ativos da Marfrig. É possível fazer um balanço desse período?

Quando compramos a Seara, dissemos que iríamos investir para conquistar a confiança do consumidor. Esse é o nosso foco: investir maciçamente em qualidade, inovação e comunicação. Tivemos uma evolução, ganhamos market share. Estamos super felizes. Temos feito campanhas de marketing da Seara e estamos muito satisfeitos.

E essa polêmica da campanha do S, de Seara?

Não tem polêmica nenhuma. A Seara começa com S e termina com A.

Mas o que vc achou do argumento da BRF, de que...

Concorrência é concorrência. Eu não posso falar por eles, o que eles viram no filme... Qual é o presunto que começa com S e termina com A? Seara começa com S e termina com A. Se tivéssemos falando alguma mentira... Difícil falar qual foi a motivação do concorrente.

Mas é uma referência à marca Sadia. O sr. nunca pensou na Sadia ao se perguntar qual presunto começa com S e termina com A?

É sério que nós pensávamos que Seara começa com S e termina com A. Então vai aí a campanha.

Quem é o principal concorrente da Seara? Sadia ou Perdigão?



Concorremos com todo mundo. Com a Aurora, Sadia, Perdigão... Em troca do que? Do consumidor. Para nós, não faz diferença se é Sadia, Perdigão, Aurora... Pode até parecer que não, mas olhamos muito para dentro de casa. O que os outros fazem a gente não controla. Nós controlamos o que nós fazemos. Controlamos qualidade, execução no ponto de venda, pontualidade. Estamos focados nisso para ganhar a preferência do consumidor.

O que o sr. espera dessa nova fase do mercado, com a volta da Perdigão? [a marca esteve suspensa durante três anos em algumas categorias por determinação do Cade.]

Sem arrogância nenhuma, não estamos olhando. Não controlamos o que a concorrência vai fazer. Não estamos nos preparando para nada. Estamos focados em produzir com qualidade e competitividade, do ponto de vista de custo, serviços, comunicação e ponto. O resto é consequência. Temos uma cultura muito forte de gastar tempo com o que a gente controla. Vamos cuidar da nossa vida. Cada um cuida da sua.

A JBS fez duas aquisições bilionárias em duas semanas [a empresa comprou a Moypark, na Irlanda, no final de junho e, uma semana depois, os negócios da Cargill de suínos nos EUA]. A companhia está voltando ao perfil agressivo que a transformou no gigante que é hoje?

Não mudamos o foco de continuar melhorando os indicadores de alavancagem, perfil de dívida, rating. Acreditamos que vamos continuar tendo melhores consecutivas e consistentes nessa área. Mas acreditamos que é possível fazer isso e continuar crescendo. E esses negócios são de longa data.

A JBS negociou com a Cargill e com a Marfrig durante muito tempo?

Tem um namoro com a Cargill há seis ou sete anos. Quando nós compramos a Swift, em 2007, a Cargill nos abordou e perguntou se nós queríamos vender o nosso negócio de suínos para ela. Falamos que não, queríamos conhecer o negócio. Há cinco anos, estivemos muito próximos de fazer uma sociedade. Por um motivo ou outro isso não concretizou. Mas desde aquela época demonstramos para a Cargill que era do nosso interesse, que esse negócio tem uma sinergia extraordinária, um sentido estratégico gigantesco.

Esse negócio torna a JBS a segunda maior produtora de suínos dos EUA?

Isso.

E mundialmente?

Mundialmente a JBS também é a segunda maior do segmento de suínos. Temos operação nos EUA, Brasil, Austrália... Juntando tudo, a JBS vai para um abate diário de 120 mil suínos por dia. Era de 75 mil.

E a Moypark?

Desde que abrimos capital da JBS, há sete anos, recebemos a oferta de muitos negócios na Europa. Não achávamos que era o momento, muito mais do ponto de vista de timing do que achar que a Europa não tinha um sentido estratégico para nós. Agora, nos últimos 12 meses, começamos a discutir internamente que estava chegando a hora de nos estruturarmos para ter uma base relevante para montar uma operação na Europa.

Isso tem a ver com o momento econômico da Europa?

Sim. Achamos que a Europa está no início da sua recuperação econômica. A Europa é os EUA de quatro anos atrás. E o cenário ideal para a JBS era ter uma plataforma na Alemanha ou na Inglaterra. A Moypark coincidiu em todos os sentidos: tem plataforma na Inglaterra, um negócio grande e nos segmentos em que nós queremos crescer: aves e processados, marca, produto de valor agregado. Temos uma estrutura que vai nos permitir, nos próximos dez anos, montar um negócio relevante na comunidade europeia.

Agora falta a Ásia?

Achamos que ainda tem muita coisa para fazer antes de ir para a Ásia. Do ponto de vista de timing, as oportunidades nos EUA, Europa, Austrália e América do Sul são mais importantes do que colocar foco na Ásia. Essa hora vai chegar, mas é no longo prazo.

Como serão financiadas essas aquisições? Para pagar a Cargill vocês pegaram um empréstimo nos EUA. Fizemos negócio pensando no caixa que temos.

Quanto a JBS tem em caixa?

Tem um volume expressivo, cerca de R\$ 14 bilhões. Fizemos aquisição para usar caixa para pagar. Mas olhamos alternativas... Estamos aproveitando as boas condições no mercado de capitais nos EUA. Fizemos um 'bond' (título de dívida) para pagar em dez anos a 5,75%. É difícil companhia brasileira que hoje que consegue acessar o mercado, emitir uma dívida a esse custo. Esse é um benefício que a JBS tem, acessar o mercado de capitais de outros lugares sem o custo Brasil.

Paraguay Lanzaron Carne de marca Nelore

Fonte: La Nación, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.23/07/15 Através de um convênio entre a Associação Paraguaia de Criadores de Nelore (APCN) e o frigorífico JBS Paraguay, foi lançada a carne natural com a marca nelore, um produto diferenciado que visa conquistar mercados internacionais, como Brasil e os países da União Europeia (UE), disse o diretor da JBS Paraguay, Caetano Gottardi. Ele disse



que o objetivo é lançar uma carne diferenciada natural que tenha marca certificada e, assim, fortalecer a comercialização.

O presidente da APCN, Manuel Rodríguez Ferrer, disse que este convênio constitui realmente um motivo de alegria e aumenta o compromisso da associação como criadores e trabalhadores do país. Os objetivos, através desse convênio, são o trabalho e seguir dando possibilidades aos sócios de aumentar os benefícios tendo melhores rendimentos e melhores vendas.

Gottardi lembrou que o JBS Paraguay iniciou a construção de sua terceira planta no país – um complexo industrial que estará situado na cidade de Belén, departamento de Concepción. Essa planta começará a operar a partir de agosto de 2016.